

# CONVERSAS SOBRE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA: DESATAR FIOS EM REDE PARA ENFRENTAR DESAFIOS...

Marisa Valladares\*  
Regina Frigério\*\*

## Resumo

Discutir educação geográfica exige associar a teoria de estudos realizados a práticas cotidianas de salas de aula, visando garantir autoria e autoridade a professoras e professores de escola. Este texto pretende atender a tal desafio. A apresentação efetuada ousa desvelar uma alternativa de fazer escrita em parceria, usando a troca de e-mails entre autoras, a introdução de estudos de pesquisadores e o convite aberto aos leitores para a traçagem de diálogos. Resgatam-se e problematizam-se experiências em escolas do campo, escolas com alunos de famílias privilegiadas financeira e socialmente, assim como de escolas de periferia, cujos alunos são de famílias empobrecidas. As experiências vividas alimentam pesquisa em torno de como se efetua, concretamente, a educação geográfica no ensino fundamental, na expectativa de fortalecer a formação docente, na socialização dessas práticas.

**Palavras-chave:** Geografia – ensino. Educação geográfica. Práticas geográficas docentes.

## 1. ENFRENTAR DESAFIOS...

Marisa Valladares [marisavalladares@gmail.com](mailto:marisavalladares@gmail.com)

Regina Frigério [reginafrigerio@gmail.com](mailto:reginafrigerio@gmail.com) para [coleg@s](mailto:coleg@s) 18:16 (Há 0 minutos)

Coleg@s,

Quando recebemos o convite para contar de nossa pesquisa sobre práticas de aprender e ensinar Geografia<sup>1</sup> com professoras<sup>2</sup>, iguais a nós mesmas, estávamos em locais diferentes. Nós duas, todavia, pensamos o convite do mesmo jeito: desafio.

O tempo tem sido implacável no desenrolar do fio das horas, na vida geral e no exercício docente. Isso parece fugir ao nosso controle, não é mesmo? As atividades da vida e da docência, como redes em mar revolto, nos enredam e nos prendem em prioridades sucessivas, transpostas para topos de listas de afazeres permanentemente refeitas: emergências, urgências e premências, alternadas num frenético movimento do que vai ser feito agora, do que foi feito, do que falta fazer...

\* Professora adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes. Email: [marisavalladares@gmail.com](mailto:marisavalladares@gmail.com)

\*\* Professora assistente do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes. Email: [reginafrigerio@gmail.com](mailto:reginafrigerio@gmail.com)

A nossa primeira conversa sobre o desafio de escrever esse texto enveredou pela metodologia de nossas pesquisas, baseadas em narrativas de professoras no cotidiano vivido como processo de formação contínua, embaraçando-se com nosso desejo apaixonado de diálogo com vocês, colegas docentes, sobre aprendizagens e ousadias de ensinagens, gestadas na pesquisa. Então, desafio aceito! Conversar sobre educação geográfica, e como trabalhamos com ela, é estímulo permanente. Evidencia não só o que dizem autores renomados, em seus pensares, mas também o que professoras revelam sobre o cotidiano em escolas. Isso provoca a vontade de rever teorias estudadas, práticas vividas, propostas perdidas no tempo... É sentimento perturbador, exigente, mas traz uma sensação boa de repensar a educação. Entendemos que a educação geográfica exige discussão em torno de leituras e de pesquisas em campo produzidas por autores da área, tanto quanto exige reflexões sobre nossos fazeres. Assim, destacamos como Castellar (2005) define educação geográfica:

Aumentar o conhecimento e a compreensão dos espaços nos contextos locais, regionais, nacionais, internacionais e mundiais e, em particular: conhecimento do espaço territorial; compreensão dos traços característicos que dão a um lugar a sua identidade; compreensão das semelhanças e diferenças entre os lugares; compreensão das relações entre diferentes temas e problemas de localizações particulares; compreensão dos domínios que caracterizam o meio físico e a maneira como os lugares foram sendo organizados socialmente; compreensão da utilização e do mau uso dos recursos naturais (CASTELLAR, 2005, p. 211).

Todavia, sabemos que a educação geográfica, como campo conceitual complexo, escapole ao revelado por definições que se faz acontecimento em salas de aula, em empirias que, nem sempre, se revestem de sofisticação acadêmica, apenas brotam de conversas preocupadas ou de relatos felizes entre professoras que tentam fazer do ensino de Geografia um jeito de intervenção na vida

para torná-la menos dura e mais possível. Lembramos de um texto sugestivo, coerente com nosso objetivo de pesquisa, no qual Azevedo (2004) legitima o valor de nossas conversas docentes, como prática de formação e não apenas como “abobrinhas”, nome carinhoso que usa para nomeá-las:

As professoras e os professores, entre si, trocam informações sobre o modo como desenvolvem suas atividades, os recursos que utilizam para trabalhar com determinados grupos de alunos ou determinadas turmas, as dificuldades que encontram, os impasses a que chegam, os ‘pontos’ do programa e sua sequência, os tipos de exercícios etc. Essas trocas se constituem numa poderosa maneira de aprender [...]. (AZEVEDO, 2004, p. 11-12)

Com esse espírito desenrolamos longas conversas por telefone e por meios eletrônicos. Quando nos encontrávamos no trabalho bem que tentávamos definir o que registrar e discutir, o que enredar como texto, mas... Passávamos de um recorte da pesquisa para outro, tropeçando em tantas possibilidades boas de contar e de pensar com vocês... O tempo não se importava com a gente e continuava a se transformar em horas, dias, semanas... Vocês bem sabem como é isto, não? Como resolver o desafio? Agora, ultrapassado o problema, esse desafio posto na lista do *concluído*, vamos lhes contar como foi...

Abraços, Regina e Marisa

## 2. DESATAR FIOS EM REDE...

Marisa Valladares **marisavalladares@gmail.com**

Regina Frigério **reginafrigerio@gmail.com** para coleg@s 22:04 (Há 0 minutos)

Queridas e queridos,

Contar esta história está sendo emocionante... Um dia, estávamos a separar materiais e textos. A

inexorabilidade do tempo a se esvaír estava tornando o nosso desafio em um desfiar de lamúrias, de frustração e de impotência. Aí, tentamos juntar tudo o que já havíamos pesquisado a respeito. Olhando alguns e-mails trocados entre nós, decidimos usar esta metodologia para construção de nosso texto. Demos risadas pela ousadia e nos atrevemos a começar este e-mail.

Se cartas foram motivos de célebres obras, poderíamos tentar fazer daquilo que hoje as substituem, o nosso jeito de estender nossa conversa até vocês: falaríamos entre nós por e-mails... E começamos a trançar nossas redes... Os objetivos de nossa pesquisa em formação docente pulsa(va)m neste escrito: problematizar a educação geográfica no cotidiano docente e potencializar narrativas de professoras sobre suas práticas na escola.

Ousamos convidar cada pessoa, leitora deste nosso texto, a entretecer conosco uma rede de pensares sobre fazeres de aulas de Geografia. Essa ideia de rede se equipara à metáfora usada para nomear a rede social que deu origem ao meio de comunicação. Uma rede espantosamente gigante, que não se esparrama apenas em mares costumeiros, nem só em rios conhecidos. Esta rede de saberes, fazeres e pensares traz em si a trama da malha, sempre com a possibilidade de se estender até mais adiante. Os nós desta rede firmam fios de diálogos numa comunicação que se faz espriar em múltiplas direções. E há o encanto dos entremeios entre fios: deixam vazar o que a gente não precisa segurar, deixam passar coisas que vem de outros pontos e que a gente pode agarrar e prender na trama, outra vez...

Atrevidamente, trançamos rede como renda, bilros de informações, de dados coletados e produzidos na docência, inventando novos jeitos de desenhar promessas, de propor possibilidades, de contar sucessos e dores... Como vocês pensam essa nossa metodologia? Quantas vezes resolveram situações com este meio? Ah, ficamos pensando se vocês apostarão na continuidade

de nosso texto... Tomara que sim, pois as histórias e reflexões que tecemos nos deixaram ansiosas por respostas...

Regina e Marisa

### 3. CONVERSAS SOBRE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIAS...

Refletindo entre esses pensares em conjunto, escrevemos uma para a outra:

Regina Frigério [reginafrigerio@gmail.com](mailto:reginafrigerio@gmail.com)  
20:00 (Há 0 minutos)  
para Marisa Valladares [marisavalladares@gmail.com](mailto:marisavalladares@gmail.com)

Coleg@s,

Somos professoras em exercício de aprender e de ensinar. Assim como nós, muitas pessoas que nos leem não tiveram, na infância, computadores, *internet*, *Mc Donald's*, marcas específicas para roupas, sapatos ou brinquedos. Aprendemos que não se brinca com um olhar de alguém mais vivido e aula que não se aprende é aula inútil. Sem questionarmos (pelo menos externamente ou com veemência), aceitamos que a Geografia era um monte de nomes de lugares: rios, montanhas, países, cidades, florestas, desertos... um monte de fenômenos que víamos, ou não, acontecer na vida, mas cujas explicações eram mais complicadas do que tais fenômenos nos pareciam: climas, correntes marítimas, marés, vulcanismo, terremotos.

Hoje, nossos alunos têm outras perspectivas – não acreditam em Papai Noel; conhecem de perto o medo da violência; acompanham, simultaneamente aos fatos, coisas que acontecem em lugares que não conhecem (e, talvez, nunca possam conhecer para além de filmes, fotos e falas) mas dos quais são íntimos: Nova York e o 11 de setembro, Filipinas e tsunamis, Japão e o trem bala, por exemplo.

A sala de aula é outra. Os uniformes são parecidos, tentam disfarçar diferenças, mas são burlados com marcas de identidades individuais e grupais: *bottons*, rasgões, amarrações, autógrafos... Nossos alunos nos olham de outro jeito, ainda que guardem carinho ou que se mantenham em guarda, são outros os seus olhares. A calma da antiga sala de ladrilhos, cujas janelas eram povoadas por plantas, e cujas paredes eram *enfeitadas* por mapas, cartazes e figuras, recebeu novos sons, novos cheiros, novos tons de cores, novas texturas nos adereços. A balbúrdia de vozes e de movimentos assinala um novo mapa, uma nova geografia de lugares e de territórios. A estética, o movimento, a dinâmica dos arranjos e a intensidade de relações entre pessoas, entre grupos, tudo tem outra expressão.

Com essas mudanças, nosso ensinar tem que ser aprendido de novo... Acreditando nisto, repartimos nossas reflexões com vocês.

Abraços, Regina

Marisa Valladares [marisavalladares@gmail.com](mailto:marisavalladares@gmail.com)  
20:32 (Há 0 minutos)

para Regina Frigerio [reginafrigerio@gmail.com](mailto:reginafrigerio@gmail.com)

Regina,

Como você sabe, eu sou uma professora apaixonada pela Geografia, tomando-a como lente de ver e como jeito de (vi)ver o mundo. Por causa disto, não me rendo às dificuldades comuns no exercício da docência. Acho que me acostumei em teimar para potencializar minha crença sobre o poder da educação geográfica. Quando penso em conversar com professoras de Geografia, minha preocupação é trazer para a conversa argumentos, tal como aquele de Santos (1999, p.5):

Cada gesto, cada palavra, dentro de uma casa de ensino, têm de ser precedidos de uma indagação

de sua finalidade. Não é a informação em si que é importante, mas a sua organização face a uma finalidade. É preciso esquecer esse elogio isolado às coisas, ainda que pareçam inteligentes, e buscar a inteligência das coisas mediante a solidariedade [...]

... que possa promover a vida no mundo. Credo nisto, estou cada vez mais convencida de que professores de escola – neste momento em que atribuem à escola um estigma de horror e de caos – estão a construir novos modos teóricos e metodológicos de ensino.

Embora seja comum encontrar no cotidiano de salas de aula do Ensino Fundamental, em especial, uma prática de Geografia escolar ainda na base da “decoreba”, da reprodução estéril de atividades livrescas e de tempos saltitantes devido a pressão do “ensinar a ler e contar”, imposta por avaliações externas, tenho encontrado, em minhas andanças de formação docente, professoras que fazem da Geografia um jeito significativo de ler o mundo e de escrever a vida.

Em escolas unidocentes do Espírito Santo, no trato com professoras que vivenciam a falta de quase tudo em suas escolas, tenho orgulho de resgatar entre muitos exemplos da problematização do cotidiano de crianças, numa geograficidade que interroga a comunidade, a história no movimento do espaço geográfico onde se vive. Na região serrana do estado, uma professora, ao recolher relatos entusiasmados de crianças cujos pais vendiam assoalhos, portas, janelas de casas antigas, provocou as famílias a pensarem na alteração das paisagens do entorno. A professora discutiu, geograficamente, perdas dos olhos d’água, devido ao desmatamento para introdução do eucalipto para comercialização, relacionando o valor da madeira da floresta homogeneizadora com aquele das árvores de outrora, com as quais se faziam janelas, portas, assoalhos e que assim eram incorporadas ao patrimônio histórico de lares herdados de gerações pretéritas. As discussões com a comunidade despertaram possibilidades

importantes: ao invés de descaracterizar os testemunhos do passado, passou-se a explorá-los como num turismo agrário, sustentável, abrindo portas, ao invés de perdê-las, para o encontro entre culturas diferentes, valorizando produções familiares. A professora de uma modesta escola do campo, com o estudo da paisagem, agiu na transformação da comunidade desenvolvendo uma educação geográfica real.

Observar os elementos da paisagem permite aos alunos ampliar sua capacidade de interpretar detalhes, de classificar elementos, de comparar modificações, de efetuar proposições de soluções para situações complexas. Paisagens são formas do espaço geográfico que podemos apreender com o uso dos nossos sentidos. Elas nos dizem como eram em outros tempos e como são agora: é o novo no velho e o velho no novo (SANTOS, 2006). Essas paisagens podem ser reproduzidas em maquetes feitas em caixas de papelão, usando argila, areia, pequenas plantinhas e brinquedos em miniaturas. Podem se transformar em croquis, que são feitos com papel celofane posto sobre as bordas da caixa e no qual se escreve com canetas para uso em transparências. Para isso são planejados e aplicados símbolos como legenda e são desenvolvidos raciocínios de proporção. Também servem para propor questões: como evitar o deslizamento de terras? Onde colocar o lixo? Como era nossa comunidade ontem? Como é hoje?

As crianças se tornaram sujeitos ativos nessas discussões pela ação da compreensão de sua “experiência espacial”, discutida como projeto de vida. Tal como afirma Pereira (2005, p. 60): “La educación geográfica tiene un metadesaño, el de intentar recuperar dicha experiencia negada y homogeneizada a través de la revitalización del saber cotidiano, de la vivencia diaria y del sentido común.”

Bem, Regina, o que você acha? Essa conversa pode ser uma contribuição para professoras? Volto a lhe escrever amanhã ou depois... Correrias... Com essa

nossa conversa, fiquei inspirada para preparar uma aula provocando os licenciandos a pensarem geografias no cotidiano urbano, em contraposição às minhas saudades da educação do campo... Ah! Quem sabe, colegas leitores, vocês também se animam a contar uma vivência exitosa em suas geografias docentes para colegas numa rede de comunicação social?

Abraço, Marisa

Regina Frigerio [reginafrigerio@gmail.com](mailto:reginafrigerio@gmail.com)  
21:40 (Há 0 minutos)  
para Marisa Valladares [marisavalladares@gmail.com](mailto:marisavalladares@gmail.com)

Marisa,

Realmente... Vivemos outros tempos. As pessoas se distanciaram devido a diferentes modos de vida, mas continuo acreditando que o bom é a gente se ver pessoalmente, não apenas nas fotos que encontramos nas redes de comunicação sociais. Não podemos nos abraçar através de imagens. É impossível sentir as emoções reais do outro. Ficam-nos indagações. Não há dúvidas que os meios de comunicação nos ajudam, como os e-mails que se tornaram recurso de conversa a distância e em tempos independentes.

Essa velocidade acelerada do momento atual, considerado por alguns como pós-moderno, não nos imobilizou. Que bom! Ao contrário, nos atíça a repensar nossas vidas, nossas formas de relação com o outro. Para muitos de nossos colegas professores, a energia despendida na correria do dia a dia atravessa barreiras e transborda em forma de ideias, projetos de trabalho e revisão de vida. Revendo a minha vida, por uma imaginária janela para um passado não muito distante, visito a ousadia que sempre foi e será um bom caminho para professores inconformados com erros naturalizados como normalidade. O inconformismo transforma as ações pedagógicas. Aceno para essa resistência em ação,

acolhendo-a como uma das características mais necessárias aos professores que desejam enfrentar o desafio de mudar o que os incomodam. Vislumbro, por entre as folhas da janela, a transgressão docente como possibilidade de ir além do que está posto, de infringir regras que amarram o andamento de um bom trabalho docente.

Professores me prova(ra)m que a transgressão, como atravessamento do que era imposto, é um bom caminho. Um desvio da mesmice. Por isso, parar aulas de Geografia quando o conteúdo “Movimentos das placas tectônicas” é interrompido por palavras inadequadas, pelo famoso “palavrão”, não é perder tempo. A discussão sobre sentidos e significados das palavras precisa emergir, vir à tona. Mas, e o conteúdo? O que fazer com ele? Começa aí um exercício de transgressão! Assim, superando a preocupação com os conteúdos apenas conceituais (COLL et. al, 1998), os conteúdos procedimentais e atitudinais (ZABALLA, 1999) são valorizados por esses professores, independente da nomenclatura dada a esses conceitos e sem aprisionamento a programas de conteúdos de disciplina escolar.

Trabalhar conteúdos procedimentais do “saber fazer” (ZABALLA, 1999) impulsiona o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e de leituras textuais e imagéticas em aulas de Geografia. E isto deve acontecer em quaisquer escolas: de periferias, onde alunos vivem em condições precárias e em escolas onde as condições de vida dos alunos são privilegiadas. É deste tipo de escola que eu trago um exemplo para compartilhar.

O computador, que hoje é mais presente em diferentes tipos de escola, era parte do luxo de recursos didáticos tecnológicos disponibilizados para o trabalho com Geografia em salas de informática equipadas para isso. O desafio não era o acesso ao instrumento tecnológico. A ousadia consistia em transformar a aula corriqueira, onde lousa e livro didático eram tranquilos personagens principais, em uma aula com uso do

computador, exigia deslocar-se da sala comum para o laboratório de informática, no limite estreito de quarenta e cinco minutos de tempo. Era dividir a turma em duplas e trabalhar com coleta de informações na *internet*, sem a velocidade dos dias atuais. Era, sobretudo, imprimir a esse fazer uma perspectiva de educação geográfica, conforme pensamos com Castellar (2006).

Para usar a *internet* como fonte de informação, exigia-se que o aluno tivesse acesso antecipado ao que seria pesquisado no laboratório, em buscas prévias em casa, garantindo, evidentemente, certo controle da escola sobre o trabalho a ser realizado. As etapas da pesquisa consistiam em: a) Os questionamentos relativos à temática principal deveriam constar como registro no caderno do aluno, antes de sua saída de sala de aula; b) Uma lista de *sites* deveria ser indicada; c) Os critérios de análise das imagens, de fotos e de mapas também eram estabelecidos no roteiro de estudos. Essas orientações, modificadas ou não, significam que ir a um laboratório de informática requer uma organização prévia, com objetivos estabelecidos, como em qualquer plano de aula elaborado no fazer docente. O espontaneísmo não deve ocupar o espaço da flexibilidade de adaptação e de potencialização dos fenômenos do cotidiano escolar, onde o irrepitível é presença constante, como você o afirma, Marisa, em sua pesquisa (VALLADARES, 2009).

Ao estudar o conceito de lugar, explorando o movimento de transformações espaciais de Vitória - ES, não restrito à pesquisa no laboratório de informática, tomei como abordagem a orientação de Tuan (1983), buscando propiciar ao aluno descobrir que o espaço, a partir do uso cotidiano e do desenvolvimento do sentimento de apego e afetividade, se constitui como lugar.

Em uma pesquisa, crianças me mostraram que

o espaço não vai ganhando sentido e significado pelos usos que elas fazem através de seus corpos, mas sim, que através das interações

sociais da criança com os maiores e com outras crianças, por meio da brincadeira, os lugares vão se constituindo, e o sentimento de apego ao lugar vai se desenvolvendo (FRIGÉRIO, 2010, p.104)

Assim, a construção do lugar pela criança precisa ser mediada por brincadeiras com seus pares. Pude perceber essa aprendizagem em estudo do meio realizado com alunos do Ensino Fundamental em um projeto denominado “Vitória, esse é o meu lugar”. Investigamos o centro de Vitória, a área planejada para sua expansão, bem como a área de expansão desordenada, em dados, textos e mapas, no laboratório de informática e por meio de leituras de coleções especiais sobre a capital. Através das leituras e da comparação de fotos antigas com fotos atuais foram produzidos desenhos e croquis para representar os lugares de antigamente, sendo possível identificar onde o mar cedeu lugar a aterros. Percebeu-se como loteamentos foram planejados, gerando o aprisionamento de crianças que antes brincavam em suas ruas e que passaram a viver em seus próprios quintais e, depois, em espaços mais restritos de prédios e conjuntos residenciais. Também foi possível compreender as áreas de expansão desordenada surgindo como fruto de disputas de terras e de movimentos sociais em lutas para ocupação delas.

Assistimos a palestras e realizamos entrevistas com moradores antigos da cidade, aprendendo sobre vivências do povo em outros tempos diferentes daqueles experienciados por nossos alunos.

Após as pesquisas, realizamos um trabalho de campo, percorrendo diferentes tipos de espaços, exercitando a análise espacial pelos alunos. Para a execução do trabalho de campo, várias etapas foram desenvolvidas: a) Projeto de pesquisa em campo; b) Solicitação de autorização dos pais para a saída dos alunos; c) Contratação de empresa de transporte que realizaria o deslocamento dos alunos pelas

áreas de estudo; d) Roteiro de pesquisa contendo questionamentos possíveis de serem respondidos em paradas previamente estabelecidas em pré-campo (etapa necessária para um bom desenvolvimento do trabalho); e) Elaboração e entrega de lista de materiais necessários para o campo, como pranchetas, canetas, roteiros e folder (cedido pela Secretaria Municipal de Turismo de Vitória), contendo um mapa para a localização do aluno nos lugares de investigação.

Assim, ao realizar o trabalho, foi possível sistematizar os conceitos trabalhados em sala de aula, atendendo também às novas indagações surgidas em campo. Os alunos, ao observarem como as crianças das áreas menos favorecidas construíam suas espacialidades, livres nas ruas, brincando na pracinha ou se lançando do píer ao mar e banhando-se sem a vigilância de adultos, questionaram sobre a liberdade vivida por essas crianças e também sobre as suas próprias prisões diárias. A Geografia desvendava-lhes os olhos sobre seus privilégios e suas limitações, tanto quanto lhes ensinava sobre as diferenças sociais.

Por isso, Marisa, acredito cada dia mais na similaridade das responsabilidades dos professores que trabalham em diferentes realidades espaciais/sociais: todos precisam promover a Geografia da solidariedade e da justiça social. Segundo Maturana (2002, p. 69): “As relações humanas que não se baseiam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, não são relações sociais.”. Precisamos buscar o olhar sobre o outro, independente de sua classe social. Muitas vezes, é negado ao aluno – de poder aquisitivo mais elevado – a alternativa de conhecer a realidade de outras pessoas de sua cidade, acreditando que, por ser *mais rico*, isto não lhe é adequado. Na contramão dessa ideia, penso que nos cabe, como professores de Geografia, intervenção sobre diferenças e igualdades sociais junto a alunos de quaisquer condições sociais e econômicas.

Agora vou... Espero seu retorno com relato de outras experiências e outras reflexões.

Abraço, Regina

Marisa Valladares [marisavalladares@gmail.com](mailto:marisavalladares@gmail.com)  
com 23:06 (Há 0 minutos)

Regina Frigério [reginafrigerio@gmail.com](mailto:reginafrigerio@gmail.com)

Regina,

Fiquei pensando em seu relato e decidi trazer ao nosso diálogo, como contraponto, a vivência com professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental numa periferia urbana pobre do município de Vila Velha. Penso que pode ser contributiva a experiência delas ao abraçarem a propaganda no ensino de Geografia, criando propostas de interdisciplinaridade e de ação na comunidade.

Começamos com algo que poderia resultar em intervenção direta na vida das crianças: mapear, no bairro, os preços da cesta básica. A proposta era juntar as aprendizagens matemáticas sobre custos, com as discussões sobre direitos do cidadão realizadas em História e a capacidade de investigar e registrar localização espacial em Geografia.

Regina, confesso que fiquei muito feliz em estar com aquelas professoras.

Os alunos das terceiras e quartas séries ficaram animados com a substituição do dever de casa, enfadonho e repetitivo, por atividades associadas aos seus fazeres familiares, como ir à mercearia, levar o irmão à escola e fazer carrinho na feira. Com dados coletados por eles no bairro, montamos tabelas e mapas em cartazes, que foram fixados no mural de entrada, chamando a atenção das mães para pequenos comércios com preços mais baixos e ofertas. Logo, comerciantes começaram a aparecer na escola para pedir inclusão nos mapas com outros preços...

As pesquisas geográficas continuaram com as crianças: a linha de produção das mercadorias e o

local onde eram produzidas foram gerando novos mapas. Como as crianças eram migrantes (êxodo rural), mapear os locais de origem da família, descobrir e registrar a alimentação dos locais onde moraram, entrevistar familiares sobre como era vida por lá, convidar mais velhos para falar de costumes, deu-lhes identidade e fortaleceu-lhes a autoestima. As turmas viveram aprendizagens dinâmicas que se refletiram em escrita, leitura, capacidade de argumentar e raciocinar, além de interferirem no desenvolvimento de aulas mais produtivas, com atitudes mais serenas e menos conflituosas. Claro que isso não significou a inexistência de problemas no cotidiano escolar. Como pesquisadora, aceita pela comunidade numa perspectiva etnográfica, me alimentava de esperança e de ação, concordando com Cavalcanti (2003) em sua afirmação:

Para haver um ensino de Geografia com bases críticas, é necessário que haja um professor que exerça o papel de mediador desse processo, com um determinado tipo de mediação – que requer domínio de conteúdos, pensamento autônomo para formular sua proposta de trabalho, sensibilidade para dirigir o processo em todas as etapas e nos diferentes momentos para o aluno (CAVALCANTI, 2003, p. 105).

A Geografia tem esse encantamento: podemos aprendê-la com a vida, para a vida. Ela não precisa ficar presa entre as paredes da sala de aula e não exige muita coisa para sair às ruas: ventos podem ser observados com cata-ventos de papel, direções podem ser exercitadas com bússolas feitas com água e agulha, mapas podem ser traçados ao caminhar, viagens podem ser efetuadas com figuras e com teatros, distâncias podem ser superadas por cartas, entre outros.

A Geografia se integra facilmente com outras áreas de estudo: no mapa, a distância chama a Matemática; a vida de outros povos convida a História e as Artes; o clima insiste em trazer as Ciências; o registro das aprendizagens precisa do Português; o movimento da busca se faz junto com a Educação Física; as



interrogações “de onde viemos, para onde vamos” se perfilam com a Filosofia e com o Ensino Religioso.

Então, que tal passarmos a trabalhar a Geografia com essas outras formas? Como nós, professoras, podemos nos libertar da armadilha da degradação de nosso ofício pela sociedade, pelo Estado e por nós mesmas, se não encontrarmos coragem e alternativas para recuperar a magia do ensinar e do aprender? Uma boa pista nos fornecem Castrogiovanni et al. (2007, p. 17):

A construção do conhecimento e o aprendizado ocorrem a partir do *disponível*, ou seja, das condições objetivas/subjetivas da vida social. Parece ser impossível construirmos *uma casa de alvenaria com madeira*, embora ela possa auxiliar! Por isso, a vinculação direta entre teoria (conhecimento) e prática (ação) é reconhecida como *práxis*.

Muitos professores não se contentam com “decobertas”, nem com mapas reproduzidos com artifícios de “copia e cola”. Acreditamos que nem os alunos, nem os professores se satisfazem só com curiosidades de lugares distantes, nem desdenham o cotidiano do nosso lugar.

A Geografia de hoje interroga a vida em busca de respostas possíveis, de ações cidadãs. Essa Geografia explora a propaganda, as histórias infantis, os quadrinhos, a música, os filmes, a TV, entendendo todos esses meios, tão presentes na vida das crianças, como artefatos para desenvolvimento de um raciocínio crítico, criativo e prático, voltado para as grandes questões da vida atual.

Uma das grandes dificuldades do ensino da Geografia, da História, das Ciências Naturais e Biológicas, das Artes, da Educação Física e de outras áreas de estudo nas séries iniciais repousa na pressão exercida pela escola, pelos pais, pelos alunos, pelos professores/as, pelos sistemas avaliativos para valorização das áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Não é preciso discutir a obviedade de que todas as áreas de

estudo são importantes, mas elas são meras divisões do conhecimento humano elaboradas pela escola. Todavia, é preciso que tenhamos coragem para desmistificar a hierarquia curricular, entendendo que podemos trabalhar um texto, um problema, uma situação explorando vários ângulos: textos de leitura podem versar sobre História ou sobre Ciências; problemas de Matemática podem associar situações geográficas e de Artes; o dia a dia dos alunos pode ser visitado em várias perspectivas. Tudo isso pode ajudar a mudar práticas de trabalho cujo foco mais intenso se dirige às disciplinas Português e Matemática, deixando para os últimos dias de períodos bimestrais, trimestrais ou semestrais aquela “corridinha básica” concretizada na proposta de um trabalho de pesquisa, um questionário, um estudo dirigido em outras áreas, apenas para atender à exigência de “notas”. Quando agimos assim, passamos para as crianças a ideia de que essas outras áreas de estudo não são importantes e que o estudo não é aplicado à vida, só à escola.

A Geografia nos oferece possibilidades múltiplas de ensino: um terrário ou um canto do pátio com plantas; uma janela para ver lá fora, um passeio pelos arredores, um mapa e um pedaço do refeitório podem nos ajudar em aulas que fogem aos questionários e que produzem aprendizagens significativas.

Eu acredito que *coleg@s professor@s* podem acrescentar outras práticas a estes exemplos. Se conseguirmos provocar a lembrança e a discussão delas em algumas salas de professores, em algumas escolas, já terá valido a pena o desafio desafiado em nossa tentativa...

Abraço amigo da Marisa

Marisa Valladares **marisavalladares@gmail.com**

Regina Frigério **reginafrigerio@gmail.com**

Coleg@s,

Esperamos que vocês tenham sido provocadas a realizarem suas geografias, entendendo-se autoras e

autoridades na produção de conhecimento, tanto quanto estimulamos nossos parceiros de pesquisa, licenciandos e professores de Geografia.

Nossa crença no professorar reside na ousadia do fazer crítico e criativo, na sala de aula aberta ao mundo do aluno. Confiantemente, podemos afirmar que são essas pistas apontadas por nossos estudos e nossos diálogos com tantos outros parceiros no pesquisar como acontecimento do cotidiano escolar. E, então, cabe sonhar utopias em novas épocas, outras geografias vazando em janelas de escolas como fitas de esperanças sobre o mar e sobre a serra, com o vento solto no tempo, com sol e com chuva, enchendo reta e virando curva, na voz de toda professora e de toda menina em correria... Esperança e Geografia...

Abraços, Regina e Marisa

#### TALKING ABOUT TEACHING AND LEARNING GEOGRAPHY: UNTIE NETWORK WIRES TO FACE CHALLENGES...

##### Abstract

Discussing geographic education requires associating study theories performed in daily practices inside the classrooms, looking forward to ensure authorship and authority to schoolteachers. This text aims to meet this challenge. The presentation dares unveiling an alternative of writing in partnership, using e-mail exchange between authors, the introduction of researcher's study and the open invitation to readers to the braiding of dialogues. Experiences in schools of this field are rescued up and questioned, schools with students from privileged families both financially and socially, as well as outskirts schools, whose students come from impoverished families. The experiences

feed research around how it is accomplished, specifically, the geographic education in high school, expecting to establish teaching training, on the socialization of these practices.

**Keywords:** Geography – teaching. Geographic education. Geographical teaching practices.

#### CONVERSACIONES ACERCA DE APRENDER Y ENSEÑAR GEOGRAFIA: DESATAR LA RED DE HILOS PARA HACER FRENTE A LOS DESAFIOS

##### Resumen

Discutir educación geográfica exige asociar teoría de estudios realizados a las prácticas cotidianas del aula, buscando garantizar autoría y autoridad a maestros e maestras de escuelas. El presente texto objetiva solucionar este desafío. La presentación realizada intenta demostrar una alternativa de hacer textos escritos en conjunto, utilizando el cambio de correos electrónicos entre autoras, la introducción de estudios de investigadores y la invitación abierta a lectores para la producción de diálogos. Se rescatan y se cuestionan experiencias en escuelas del medio rural, escuelas con alumnos de familias privilegiadas financiera y socialmente, así como de escuelas de periferia, cuyos alumnos son de familias más pobres. Las experiencias vividas fomentan investigaciones sobre cómo se efectúa, concretamente, la educación geográfica en la enseñanza básica, en la experiencia de fortalecer la formación docente, en la socialización de estas prácticas.

**Palabras clave:** Geografía – enseñanza. Educación geográfica. Prácticas geográficas docentes.

**NOTAS:**

- <sup>1</sup> Este artigo foi gestado no desenvolvimento do Projeto de Pesquisa Geografia em escolas: êxitos e dificuldades, registrado no Departamento de Geografia – UFF – Campos de Goytacazes – RJ, associado ao GRUPEGI-UFF.
- <sup>2</sup> Convidamos todas as pessoas a se incluírem quando assim o desejarem, independentemente da indicação de gênero feita.

**REFERÊNCIAS**

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.

CASTROGIOVANNI, A. C. et al. *Ensino da geografia: caminhos e encantos*. Porto Alegre: EDIPUCR, 2007.

CAVALCANTI, L. S. A formação de professores de Geografia – o lugar da prática de ensino. In: TIBALLI, E. F. A.; CHAVES, S. M. (Org.). *Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.189-206.

COLL, C.; IGNACIO, J.; SARABIA, B.; VALLS, E. *Os conteúdos na Reforma – Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FRIGÉRIO, R. C. “*Essa rua é a melhor do mundo...*”: *Vivências do lugar MUNDO- RUA foto – “grafado” por crianças*. 2010. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói, 2010.

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernandes Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

PEREIRA, M. G. El espacio por aprender, el mismo que enseñar: las urgencias de la educación geográfica. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 137-164, maio/ago. 2005.

SANTOS, M. *A técnica em nossos dias: a instrução e a educação*. Associação Brasileira de Mantenedores do Ensino Superior. (Revista). Caderno I, 1999.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2006.

TUAN, Y. F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VALLADARES, M. T. R. *Vivências em zonas de fronteiras... as narrativas se fazem travessias...*: Um estudo com narrativas e com os cotidianos no estágio curricular da licenciatura de Geografia na UFES. 2009. Tese (Doutorado)–Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, 2009.

ZABALLA, A. *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Enviado em 15 de março de 2015.

Aprovado em 15 de abril de 2015.